

M.A.A. -57 anos, casada, professora universitária, Cancro da Mama em 2007.

Faz hoje um mês que fiz o último tratamento de quimioterapia.

Quer este quer o penúltimo foram muito duros. Não pelo facto de estar quatro horas no hospital com um cateter espetado no braço. Isso é o que menos custa. Sempre levei a minha música, o meu computador, a minha internet e tudo isso ajuda a que o tempo passe. O problema são os dias que se seguem.

Das primeiras vezes ainda se aguentava. A minha irmã, que conhecia pessoas que tinham tido o mesmo problema dizia: “tu pareces ótima”. É verdade que a comida não me sabia a nada, mas lá ia conseguindo dar as minhas aulas. É verdade que chegava a casa tão cansada que me metia na cama e dormia durante horas. Mas a vontade de me ver livre desta maldita doença levava-me a encarar tudo como um mal necessário e, ao fim e ao cabo, com esperança. Sabendo que os venenos que me metiam cá dentro matavam células más que procuravam matar-me a mim.... Uma guerra entre o bem e o mal travava-se dentro do meu corpo e era natural o incómodo que sentia.

Logo no fim da primeira semana depois do primeiro tratamento, de repente descobri que tinha quase 38 graus de febre. Estávamos em Outubro e as diferenças de temperatura provocaram uma constipação.... A partir daí, passei a consumir antibióticos quase diariamente. Lá ia distribuindo os 16 comprimidos pelos 21 dias entre as sessões de quimioterapia.

Nos últimos dias de cada ciclo já me sentia um bocadinho melhor e os antibióticos entretanto tinham acabado. Esperava então que as minhas defesas naturais, ainda que abaladas, fizessem a sua obrigação.

Antes da consulta prévia a cada tratamento havia sempre uma certa angústia. Será que o meu sangue está em condições de fazer mais este tratamento? Era quase com alegria, e sobretudo com um grande alívio, que recebia uma resposta que sempre foi positiva.

Claro que cada vez andava mais cansada. Tive que participar em congressos sempre com medo de que me desse um ataque de tosse. O ar condicionado que fabrica um frio polar (em pleno Dezembro, vá-se lá perceber porquê) nas salas de congressos teve que ser desligado para eu me aguentar.

Tive que organizar uma excursão em pleno Dezembro. Felizmente o dia estava bonito, mas mesmo assim, tive que reduzir a quase nada as caminhadas... ao fim de 100 metros parece que tinha acabado de correr a maratona!

Ansiava pelo dia 20 de Dezembro que representava o fim das aulas. No dia 21 teria o penúltimo tratamento e poderia descansar porque na Faculdade onde trabalho se entrava em período de exames.

Porém, as febres dessa vez foram persistentes, mesmo com antibióticos. Praticamente não saí de casa durante essas três semanas mas não deixei de me sentir mal, permanentemente cansada e incapaz de fazer algo que não fosse ouvir música ou ver TV. Mesmo a internet me cansava demasiado e me desinteressava (eu sou quase viciada na internet e em computadores).

Mas o pior estava para vir. Uma semana depois do último tratamento, a 11 de Janeiro, comecei a fazer febres de 38 graus mesmo com o antibiótico diário.

Em desespero telefonei à médica... e no dia seguinte lá estava a fazer análises. Que deram um resultado surpreendente e preocupante: zero de glóbulos brancos. Saí do hospital com uma daquelas máscaras cirúrgicas e uma receita médica de quatro comprimidos de antibióticos por dia. Foram dias angustiantes porque eu sabia como estava vulnerável. Felizmente, novas análises feitas daí a três dias já mostravam alguma recuperação dos glóbulos brancos.

Há dias saí de casa para assinar uns papéis urgentes. Fui até a Faculdade, onde a minha colega me levou os papéis até ao carro, justamente para me preservar de contágios. Pois foi o suficiente para começar a espirrar e a sentir formigueiros nas mãos (sinal de febre ligeira, mas febre). Quer dizer: estou prisioneira dentro de casa.

O pior já passou, espero eu. Aguarda-me ainda a radioterapia (um mês) e a hormonoterapia (um comprimido por dia durante 5 anos!).

Além do cansaço, quase sempre presente, sobretudo quando se faz qualquer actividade física (subir um lance de escadas é suficiente...) as capacidades intelectuais são afectadas por estes venenos com que tentamos prolongar a nossa vida...

Agora, exactamente um mês depois do último tratamento, já consigo escrever no computador sem ter que estar a corrigir quase todas as palavras. A quimioterapia provocou-me uma espécie de dislexia nos dedos. Escrevo com raiva, sabendo que cometo muitos mais erros do que é normal. E mesmo agora, quando tenho que escrever uma consoante dobrada escrevo sempre três em vez de duas... benditos sejam os correctores ortográficos!

A peruca começa a dar sinais de velhice e a escapar-se-me pela cabeça fora. A depilação automática que me aconteceu começa a dar sinais de regredir: passando a mão pelas pernas já não me parece ter uma pele de rã. Mas o meu cabelo ainda está longe de aparecer... e vai ser desoladoramente branco.

Tudo isto modificou o modo como hoje vejo a vida. Comecei a apreciar coisas simples e pequenas. O simples facto de não ter febre já me dá algum prazer... e o contrário, claro que me lança no fundo de uma depressão. Isto nunca mais acaba? Nunca mais sou livre de sair à rua, de apanhar frio sem temer pela minha vida? De poder fazer compras? De dormir sem ser embrulhada em milhares de camisolas e camisolinhas? De ter uma vida normal, em suma?

Amanhã vou começar com a radioterapia. Já sei que também tem os seus riscos e problemas. Mas espero que o pior tenha passado. Lá fora começa a Primavera. E as árvores do jardim em frente começam a florir. Será que saí do túnel? O que me espera no futuro? O médico que me fez as biópsias deu-me esperança de que eu conseguisse "safar-me". Mas também foi dizendo que a medicina não é uma ciência exacta. Em suma, estou e estarei sempre em risco. O que para uma pessoa ansiosa como eu é péssimo. Talvez seja uma forma de aprender alguma humildade. E afinal, em risco de vida estamos todos nós, todos os dias. Por isso é que devemos valorizar a vida. E o tempo de que dispomos para viver. Não gozar a vida indiscriminadamente, mas viver de forma que valha a pena. De forma que, ao lembrar um dia que passou, não me sinta arrependida do que fiz ou deixei de fazer. Dando sempre o necessário desconto à minha humanidade agora ferida pela doença.

Mas afinal como é que tudo surgiu?

Exactamente há cerca de um ano, em Janeiro de 2007, a minha saúde começou a deteriorar-se. Gripes longas e difíceis de vencer e, finalmente, uma gastroenterite vírica. Algo que nunca me tinha acontecido. Nessa altura, a minha mama direita inflamou-se. O médico que veio cá a casa quando lhe falei disso disse-me para ir ao médico logo que possível....

Mas as aulas começaram e eu tinha 12 horas por semana e estava a ensaiar um processo de e-learning que implicava imenso entusiasmo e imenso trabalho, uma dedicação exclusiva.

A vermelhidão passou mas nunca desapareceu completamente. Para o fim do ano lectivo sentia uma ardência na mama. Mas a palpação não revelava nada. O médico de clínica geral aonde fui em desespero, quando me pareceu que tinha nódulos na axila, disse que havia uma ligeira diferença de uma mama para a outra, mas não garantiu nada.

A mamografia, como sempre, nada revelou. Mas a ecografia já indicou um nódulo cuja biopsia deu o resultado que eu mais temia: carcinoma.

Soube esse resultado no dia 1 de Agosto. Raio de mês para ter um diagnóstico destes! Felizmente consegui marcar uma consulta num oncologista que fazia um intervalo nas férias para acudir aos casos urgentes. E passei o mês de Agosto de análise em análise. Felizmente, apesar de ser um mês de férias para toda a gente, consegui ser operada no dia 27 de Agosto. Passado um mês estava a iniciar a quimioterapia, por onde esta estória começa.

Não é fácil falar de tudo isto. Ainda não há o recuo suficiente.

Mas gostava, mesmo assim, de deixar uma mensagem para todas as mulheres que passarem os olhos por estas linhas.

Para evitar os sofrimentos da quimioterapia, tenham muito cuidado! Não esqueçam que uma em cada oito mulheres vai ter cancro da mama ao longo da sua vida. Não pensem que estão ao abrigo porque não há casos na vossa família... era o que eu pensava e viu-se o resultado.

Os caroços nem sempre se sentem, devo dizer que foi o meu caso...

Controlem a vossa saúde de acordo com os protocolos próprios de cada idade e situação. Se descobrirem algo de anormal não hesitem em ir ao médico. Podem evitar uma situação de risco de vida e poupar a vocês mesmas e a todos os que vos são queridos uma infinidade de medos e de sofrimento.

Porto, 10 de Fevereiro de 2008